6517

O PROGRESSO

Orgam dos homens de côr

ANNO I | S. Paulo, 24 de Agosto de 1899 | NUM. 1

Faz hoje 17 annos que falleceu o grande bemfeitor dos escravos no Brazil—Luiz Gama.—Por isso, para nós, o dia 24 de Agosto, é um dia cheio de luto; nossos corações comprimem-se com a lembrança da fatalidade nelle occorrida em 1882, nesta capital.

O nome de Luiz Gama é o distinctivo que collocámos ao peito ao encetarmos a nossa vida jornalistica; o seu passado será a nossa força, a fonte por onde alimentaremos os nossos dias de existencia, porque elle é grandioso, é cheio de exemplos inimitaveis.

A homenagem que «Progresso» lhe presta, hoje, estampando seu retrato, é justa, é imprescindivel.

Sim, porque disse um illustre publicista—«Muitas vezes o mundo ao depositar na ultima jasida os restos do homem, a quem cingiu com aureola de ephemeros triumphos, diz com arrogancia ao tumulo:—Tu não apagarás o nome que illustrou um dia as cinsas que te confio.» E o tumulo esconde no esquecimento as cinzes e mais o nome.

Para que seja memoravel nos annaes em que se registra a gloria, é mister que além da campa o estejam elevando em clamores eloquentes os proprios merecimentos e as virtudes pessoaes».

Pretos! E' preciso que se pague este tributo ao morto illustre; é preciso que seu nome brilhe dentro de nossas almas, tanto quanto a estrella mais adorada do Firmamento; é preciso que a aurora do seculo 20, ao saudar este pedaço do continente americano, onde se acham sepultados os restos dos nossos maiores, bem haja o nosso sommettimento nessa ancia de progredir; que delle se desprenda o retalho de torpesas que se apega ao manto velho do seculo 19, sendo atirado á noite do esquecimento; que uma geração capaz, altiva e feliz, surja triumphante na conquista do Bem, na realização dos nobres ideaes.

E para isso é necessario que não demoremos em construir o nosso nucleo social, no qual fiquem concentradas todas as nossas forças, derivando delle as boas intenções que temos em prestar o nosso auxilio desinteresado á raça a que pertencemos.

LUIZ GAMA

A biographia do morto, que abaixo transcrevemos do 3º volume do «Instituto Historico de São Paulo», para a qual chamámos a attenção dos nossos leitores, não deve ser lida como um escripto de pouca importancia, pois muito ella fallará dentro da nossa alma.

Eil-a:

«Luiz Gonzaga Pinto da Gama, nasceu na cidade de S. Salvador, capital da Bahia, em 21 de Junho de 1830, sendo baptisado em 1838 na matriz do Sacramento, da cidade de Itaparica.

Era filho de uma preta, africana livre da Costa da Mina, da nação Nagó e de nome Luiza Maheu.

Luiza era baixa de estatura, magra e bonita, tinha os dentes muito alvos e a sua côr era de um preto retinto, reluzente.

Possuia um genio irrascivel e violento e era de indole vingativa, sendo no gesto grave e sombria.

Era muito trabalhadeira e entregava-se ao commercio de quitanda, sendo na cidade em que residia muito popular e conhecida. Era pagan e recusava-se converter-se ao christanismo.

Mais de uma vez foi presa por suspeita de envolver-se em planos de insurricção de escravos, que não tiveram effeito.

Em 1837, depois da revolução do dr. Sabino, mais conhecida pelo nome de *Sabinada*, veio ao Rio de Janeiro e nunca mais voltou.

Procurou-a o filho em 1847, em 1856 e em 1861 no Rio, sem que a pudesse encontral-a.

Em 1862, soube por uns pretos minas, que a conheciam e della deram signaes certas que, apanhada com malungos desordeiros em uma *casa de dar fortuna* em 1838, fôra posta em prisão e que tanto ella como os companheiros desappareceram.

Era opinião dos informantes que os amotinadores houvessem sido deportados pelo governo, que nesse tempo tratava rigorosamente os africanos livres, tidos como provocadores.

E assim não poude Luiz alcançar em relação a sua mãe.

Em 1861, voltando a S. Paulo e estando em commissão do Governo, na então villa de Caçapava, consagrou, á mãe perdida, saudosos versos que se lêm como nota de um sentimentalismo dissonante no risonho livro das *Trovas Burlescas*, que deu á luz com pseudonymo de Getulino.

Vê-se que já era hereditario

em Luiz Gama o profundo sentimento de insurreição e liberdade.

O pae de Luiz Gama—outra analogia deste com Spartaculus—era nobre, fidalgo de uma das principaes familias bahianas, de origem portuguesa.

Foi rico e, nesse tempo extremoso para o filho, criou-o nos braços.

Foi revolucionario em 1837.

Era apaixonado pela pesca e pela caça; jogava bem as armas e melhoras castas; compraz-se em folguedos e orgias; esbanjou uma boa herança, havida de uma tia em 1836. Redusido a pobreza extrema, em 10 de Novembro de 1840, em companhia de Luiz E. Quintella, seu amigo inseparavel, que vivia dos proventos de uma casa de tavolagem na Bahia, vendeu o filho como seu escravo, a bordo do patacho *Saraiva*.

A respeito dessa venda ha uma scena que deixa ver por um lado o caracter corrupto de um pae e por outro a energia do filho vendido.

A's 5 horas da tarde o pae de Luiz Gama mandára Luiza Maheu vestir o filho, disendo que iam dar um passeio.

Chegada ao cáes chamou um bote e declarou que preferia um passeio maritimo, visto que aproveitava a occasião para fallar com o commandante do patacho *Saraiva*, com quem tinha uma questão a ultimar.

Dirigiram-se para o patacho, e chegados ao tombadilho, o pae deixou a creança a conversar com o commandante.

Terminada a conversa, foi-se retirando sorrateiramente, para assim escapar ás vistas do filho; mas este sempre vivo e esperto, quando vio o pae affastar-se e entrar no bote, dando ordem para partir, perguntou da escada:

—Então meu pae, não me leva comsigo?

Ao que lhe respondeu:

—Não, porque me esqueci de alguma coisa em terra. Voltarei breve e então iremos juntos.

Foi então que o jovem Luiz desceu mais alguns metros e exclamou:

—Meu pae, o senhor me vendeu!

O velho olhou-o por algum tempo, os olhos se lhe encheram de lagrimas e déu ordem aos remadores que tocassem para terra.

Luiz Gama occultou sempre aos amigos o nome do auctor dos seus dias, que, si ainda vive, ha de ter a recordação da monstruosa infamia commettida.

Remettido dias depois para o Rio de Janeiro, no mesmo navio que partiu carregado de escravos, foi Luiz, como muitos outros, para a casa de um negociante portuguez, de nome Vieira, e tabelecido com loja de vélas, á rua da Candelaria, esquina da do Sabão. Era um negociante de estatura baixa, circumspecto, energico e recebia escravos da Bahia á commissão.

Tinha além de um filho peralta que estava em um collegio, uma das filhas já crecidas, muito compassiva e meiga; senhora Vieira era uma perfeita matrona cheia de piedade.

Tinha então Luiz 10 annos.

Seriam 5 horas da tarde, quando elle entrou em casa e todas as mulheres da casa se lhe affeiçoaram immediatamente.

Mandaram no lavar, vestiram lhe uma camisa e uma saia da filha mais nova, deram-lhe de comer e fizeram no dormir n'uma boa cama.

Luiz Gama lembrou-se sempre commovido daquella boa gente que com tanto carinho o tratára.

Em 1840, foi vendido naquella casa do negociante contrabandista, Alferes Antonio P. Cardoso, o mesmo que em 1870 ou 1872, sendo fazendeiro no municipio de Lorena, deste Estado, no acto de ser preso por haver morto a fome alguns escravos em carcere privado, já velho de 70 annos suicidou se atravessando o craneo com uma bala de pistola.

O Alferes Cardoso comprou Luiz em um lote de cento e tantos escravos e trouxe-os todos, pois tal era o seu commercio, a vender para esta então provincia.

A pé, com 10 annos de idade, fez Luiz toda a margem de Santos a Campinas.

Escravo, sahido da infancia tragica, descalco, desamparado, faminto, subiu entre um bando de escravos a aspera serra do Cubatão.

Foi escolhido por muitos compradores nesta capital, em Jundiahy e Campinas e por todos rejeitado como se regeitam as coisas ruins, pela circumstancia de ser bahiano.

O ultimo que o rejeitou foi o respeitavel ancião Francisco Egydio de Souza Aranha, pae do fallecido marquez de Tres-Rios. Depois de o haver escolhido, affagou dizendo:

—Está um bom pagem para os meus pequenos.

E perguuta-lhe:

—Onde nascestes?

Na Bahia.

—Bahiano!... exclamou admirado, o excellente velho. Nem de graça! Já não foi por bom que o venderam tão pequeno. O marquez de Tres-Rios que esteve a ponto de ter Luiz para pagem, mais tarde teve-o como um dos seus amigos mais considerados.

Engeitado como refugo com outro escravo bahiano de nome José, sapateiro, voltou para a casa de Cardoso, nesta capital, á rua do commercio n 2, sobrado, perto da Egreja da Misericordia, que hoje ja não existe e que era situado no largo do mesmo nome esquina da Direita.

Ali aprendeu a copeiro, a sapateiro, a lavar, a emgommar e a costurar.

Em 1847, tinha Luiz 17 annos, quando para a casa de Cardoso, veio morar como hospede para estudar humanidades, o menino Antonio Rodrigues de Araujo, hoje doutor em direito, o qual foi magistrado de muito merito e que ha pouco era fasendeiro e residiu em Mogy-Guasú.

Travaram amisade estreita de irmão, e com o estudante entrou Luiz a aprender as primeiras lettras.

Em 1848 sabendo ler, escrever e contar alguma coisa, e havendo obtido ardilosa e secretamente, provas inconcussas de sua liberdade, retirou se, fugindo da casa do alferes Cardoso, que aliás o tinha na maior estima, e foi assentar praça

Terminou aqui o periodo de seu captiveiro, começando para Luiz uma nova phase de vida cheia de lutas e de peripecias, em que elle conseguio instruir-se e educar o seu formoso talento, entregando-se aos estudos de direito e apresentando-se dentro em pouco tempo, com quanto não fosse formado, como o abalisado e distincto advogado que todos conheciam e que quasi todos respeitavam e temiam pelos conhecimentos da jurisprudencia e pela dialectica de ferro e fino espirito satyrico com que esmagava pelo ridiculo os seus contendores.»

Eis como desdobrou-se até 18 annos de edade, o scenario da vida preciosissima de Luiz Gonzaga Pinto da Gama que, mesmo morto, merece o nosso respeito e veneração, pelo muito que fez em beneficio de seus descendentes.

TEODIAS.

S. Paulo, 24—3—99.

EDUQUEMO-NOS

Lançando um olhar para o futuro, sem esquecermos o passado vemos que o futuro nos sorri; vemos que o homem preto, por sua indole, intelligencia e amor ao trabalho, pode ter papel saliente na sociedade, embora espiritos retrogados affirmem ao contrario, querendo collocal o abaixo do nivel das outras raças

Quizeramos que nos monstrassem em que o preto é inferior ao branco.

Em intelligencia?

Não, porque todo o preto que tem estudado, tem dado bôa prova de si, chegando a occupar paginas de nossa historia.

Dirão que esses são poucos, não podendo, portanto, fazer peso na balança do julgamento.

Mas, senhores, como exigir da total dade mostras de talento, se não lhe deram instrucção!...

Como pretender que devam ser polidos; como exigir que se apresentem nas praças publicas a fazerem discursos arrebatadores; nos salões a recitar versos de Dante, homens que hontem deixaram a enchada?

E chamam nos ignorantes!

E' como se o sol, que concentra em si toda a luz, todo o brilho, todo o esplendor, risse das trevas, desafiando a a que brilhe como elle.

Para provar que aos pretos não foi, dado, até hoje, desenvolverem-se basta lembrarmos algumas scenas do passado.

Recapitulemos:

Nos negregandos tempos do captiveiro, o homem preto, isto é, o que tinha a desgraça de nascer do ventre de uma mulher que as leis barbaras de então reduzira á escravidão, era, tambem, escravo; nessa condicção nada mais tinha a fazer senão trabalhar, trabalhar sempre, quer bramisse furiosa a tempestade, com seu horrifico cortejo de raios e trovões, quer o sol abrazador de nossa patria, vagaroso, lento, atravessasse, do nascentes ao poente o espaço azulado queimando as nuvens...

O escravo era superior a tudo isso!...

Lá, no eito, a educação que recebia era um par de chicotadas se se mostrava cançado. E o bruto era tão estupido que nem ao menos aprendeu a falar françez, lingua predilecta da gente da alta sociedade...

Nas fazendas em dia de festa natalicia de alguma *nhã-nhã*, nos grandes varandões rodeados *sinhô-velho*, rodeados de amigos, saboreavam deliciosos manjares, pratos esquisitos de nomes embaralhados, que, para pronuncial-os era preciso que o professsor publico, convidado para a festa levasse 3 horas a soletral os aos donos da casa; esses jantares eram regados com vinhos vindos do outro mundo. Um jantar supimpa!...

Pois, senhores, os pretos os que arrancavam das estranhas da terra regada com seu sangue a fortuna que seus *senhores* gastavam, eram tão idiotas que dispensavam tudo isso para devorar uma pelota de angú, um pouco de feijão, e u

pedaço de *peixe* (bacalhao) isto por ser dia de festa...

Rompia a orchestra nos salões, os lepidos *sinhô-moço* envergando soberbos *fraks* arrastavam brandamente, na doce volupia da valsa, typos divinos de moças, que, em suas toilletes de fina seda, faziam brilhar, á luz dos candelabros, as pedras preciosas que lhes serviam de adôrno.

Aspecto deslumbrante!...

A pilheria mais ou menos fina dos rapazes provocava sorrisos cristalinos, um 3 annista a quem já chamavam doutor, fazia discursos mais ou menos bons, chamando a si a attenção do bello sexo; uma menina de 15 annos que viera da escola para assistir a esta, exibia-se ao piano, deixando transparecer o seu grau de adeantamento, merecendo calorosas palmas.

Emquanto isto se passava os preumhos que forneciam o cobre para tudo isso eram tão estupidos que nem ao menos sabiam valsar...

Ao redor de uma fogueira, na escuridão da noite, destacava-se o grupo de *sambeiros*; com seus alfes e zabumbas rythmavam a dança, que era seguida de cantarolla, por falta de musica.

La dentro a civilisação e cá fóra a estupidez!...

Como exigir pois, desses homens, a civilisação que lhes não deram?

. . . . . .

Nas cidades, onde o preto tinha alguma noção de civilidade, o aspecto do quadro era mais lisongeiro.

Os libertos mandavam seus filhas a escola e estes bem depressa davam mostras de que eram tão intelligentes como os brancos, e a prova é que os poucos pretos, cuja condicção pecuniaria lhes facultou os meios de estudar em estabelecimentos de ensino superior, deram provas de pujança de espirito, salientando-se entre seus contemporaneos.

E' assim que temos nas lettras, nas artes, nas sciencias, pretos de real merecimento, que longo seria enumerar.

Mas ainda era grande o preconceito tolo que excluia de certas associações os homem pretos, não levando em conta seus merecimentos, que, apezar de serem conhecidos publicamente, não impediam que o exclusivismo chegasse até elles.

Muitas vezes em boas rodas eram admittidos typos repugnantes cujo alito empestava a athemosfera, pois que eram ladrões assassinos, seductores, tudo quanto de vil a sociedade comporta; mas eram brancos, ou *mulatos-claros*. (?)

Nó emtanto nessas cidades havia medicos illustres, advogados cujos nomes eram respeitados no mundo torence, artistas de real merecimento homens de caracter irrepriensivel, familias cuja honradez não admettia duvidas, que, por serem pretos, eram despresados por seus collegas.

Os advogados, os medicos, os artistas brancos que, no exercicio de suas profissões tinham de pedir auxilio á seus collegas pretos, attentos á superioridade de estudos destes, envergonhavam se de apresental-os em seus salões *para não dar o que fallar*...

Oh santa estupidez!!!... Mas então o que distingue o homem, o que lhe dá valôr no meio em que vive?

O homem distingue-se, eleva-se pela sua compostura social ou pela côr da pelle, cousa de que não é culpado?...

. . . . . .

Passou-se o periodo mais angustioso para os homens pretos. Surgiu a aurora de 13 de Maio, data immorredoura gloria de muitos pretos que foram os arautos da abolição, como Luiz Gama, José do Patrocinio, Quintino de Lacerda, Rebouças e tantos outros,

Proclamou se a Republica, o governo da igualdade, da fraternidade e queijandas liberdades. No movimento republicano, contavam-se muitos pretos e mulatos (que vem a dar no mesmo) que prestaram e prestam serviços inolvidaveis ao novo regimem.

Esperavamos, nós, os negros que finalmente, ia desapparecer para sempre de nossa patria o estupido preconceito da côr e que os brancos, empunhando a bandeira da *igualdade e fraternidade*, entrassem em franco convivio com os pretos, excluindo apenas os de mau comportamento, o que seria justissimo.

Qual não foi, porém, a nossa decepção ao vermos que o idiota preconceito em vez de diminuir cresce; que os filhos dos pretos que antigamente eram recebidos nas escolas publicas, são hoje recusados nos grupos escolares; que os soldados pretos que nos campos de batalha tem dado provas de heroismo, é posto, officialmente, abaixo do nivel de seus camaradas; que para os salões e reuniões de certa importancia, muito de proposito não é convidado um só negro, por maiores que sejam seus merecimentos; que o poderes publicos em vez de curar do adeantamento dos pretos, atira-os á margem, como cousa imprestavel?!

Oh, senhores! tendes, por ventura os olhos vendados?

Não vêdes que o preto, ao contrario do que se dizia, é ordeiro, amante da familia, laborioso, respeitador das leis de sua patria?

Não vêdes que quando as instituições perigam tendes encontrado no preto um heroico defensor, que disputa sempre as posições mais arriscadas das linhas de combate, dando o exemplo de como se deve morrer no cumprimento do dever?

Basta lêr as estatisticas dos crimes para julgar da indole do preto.

Homens que vivendo sob o rigor do captiveiro, foram atirados da noite para o dia ao grande turbilhão social, sem o menor noção de civilidade tornaram-se verdadeiros patriotas, porisso que só cuidam de melhorarem a sorte por meio do trabalho honesto que dignifica!

As prisões apinhadas de assasinos e ladrões conta entre 500 presos 1 negro. E é preciso notar-se que no Brazil os pretos e mistiços formam a maioria da nacionalidade! Edificante!!...

O paiz que despreza elementos de força e progresso como estes, é um paiz de cégos...

Educai o preto, abri as portas dos estabelecimentos de ensino a esta gente; procurai mesmo facilitar a sua collocação em estabelecimentos agricolas; fazei tudo o que for possivel em beneficio dessa raça por que o resultado será em beneficio do nosso amado Brazil.

Abandonae para sempre o maldito preconceito. Chamai-nos ao trabalho e lá estaremos convosco; chamai-nos a desafrontar os brios da nacão brazileira, encontrar-nos-á ao vosso lado; chamai-nos ao convivio social e vereis que seremos dignos.

E' mister, entretanto, que alguns creoulos e mulatos que podiam fazer melhor figura na sociedade corrijam-se de certas faltas; é necessario que não envergonhem a quem dezeja levantal-os do abatimento moral é intellectual em que jazem.

E' este o ponto principal, senão o unico objectivo do nosso modesto jornal.

A' vos homens pretos, por honra de nossa raca, por gloria de nossos avós que morreram no arduo trabalho de fazerem a fortuna publica e particular de nossa patria, pedimos por tudo quanto mais caro vos possa ser: «educai-vos, educai a vossos filhos, ensina-lhes o caminho da honra, o caminho do devêr que tem por ponto de partida o trabalho e a instrucção.»

Eis o que nós, os fundaores do *Progresso* almejamos.

A superioridade de raça

Em todos os tempos os mais abalisados cultores da sciencia antropologica tem considerado a raça preta inferior a branca tanto physiologia como psychologicamente.

As bases que tomam os anthropologistas para affirmarem a inferioridade da raça preta são: o menor volume do cerebro e a accumulação da massa encephalica na região occipital, o que, para a phrenologia, é signal de sensualismo e falta de concepção do mundo exterior

A successão dos seculos, operando as revoluções psychologicas na esphera scientifica, abriu novos horizontes para a philosophia anthropologica; o homem já não é mais estudado pelo seu typo physico, mas sim pelo ambiente, onde elle se desenvolve.

Um homem de côr preta criado e educado na Europa, torna-se tão illustrado e moralisado como um europeu do que temos provas; e, ao mesmo tempo, um branco europeu, criado no meio dos selvagens anthropophagos, não só será selvagem como tambem devorador de carne humana.

Qual então a superioridade de raça?

A sciencia moderna, que vai buscar as suas theorias na escola positiva, não crê mais na inferioridade de raça, mais sim, na inferioridade mesologica.

Uma raça póde decahir, depois de muito explendor, como aconteceu com a raça amarella, porém, não se póde julgar uma raça como a preta, porque ella ainda não appareceu no mundo como sociedade organisada; a sua epocha ainda não chegou.

A raça amarella, 1000 annos antes da era vulgar, era o que havia no mundo de mais civilizado. Na China fizeram se as descobertas mais maravilhosas que até hoje são admiradas, a sciencia em todos os seus ramos era alli cultivada—era um verdadeiro *Celeste Imperio*, porque era dotado de maravilhas que o engenho de seus filhos produziam prodigiosamente. Nestes tempos os chinezes consideravam como barbaras as demais raças que povoavam o mundo.

Mas hoje, qual o estado da raça amarella? de intelligente que era tornára-se ignorante, de laboriosa que era tornára-se indolente, de livre que era, vai-se tornando escrava passiva das outras raças, portanto, esta raça que tem uma das mais bellas historias, está destinada a desapparecer pelo cruzamento com outras raças que, pouco a pouco, vão invadindo as suas regiões.

Se progredirmos com as nossas considerações e chegarmos á Europa, o centro da raça branca, ahi tambem notamos, na presente época, qualquer cousa de

Redacção d'"O Paiz"
Capital Federal

anormal, propria de uma raça cançada. A desorientação politica, religiosa e moral, são os caracteristicos da corrupção, que ameaçam destruir essa raça.

A Europa não conservará a sua suppremacia por muitos annos, pois que, outros povos civilizar-se-ão e reivindicarão os seus direitos.

As lições da Historia são nitidas sobre a preponderancia das raças atravéz os seculos. Mil annos antes da era vulgar, a raça amarella estava para a raça branca como esta está para a preta: mas, com a evolução social raça amarella cahiu e a branca subiu, e se é verdade que a evolução é a factora das transformações sociaes, deduz-se que a raça branca, no futuro, terá de cahir, como a amarella, e ceder o seu posto a raça preta. A Abissynia já deu-nos um signal do quanto valem os seus filhos no terreno da lucta.

Muita gente não crerá que um dia a raça preta floresça como está florescendo a branca, mas se tomarem a historia e procurarem a origem de todos os povos mais civilisados da Europa, ficarão convictos de que foram mais barbaros, mais ignorantes que os africanos de hoje.

Assim como a successão dos seculos transformou os povos barbaros da Europa em povos civilisados, é mathematico que essa mesma successão dos seculos transformará os povos da raça preta em povos civilisados, capazes de constituir sociedades talvez muito superiores ás nossas, devido aos progressos da sciencia.

A civilisação é como uma onda impellida pela lentidão dos seculos, atravez as raças humanas; ella não é propriedade desta ou d'aquella raça, porque todas ellas são aptas a progredir.

BERNARDINO FERRAZ.

A crise da lavoura

A imprensa tem sido a porta-voz dos fazendeiros, que clamam contra a crise da lavoura nos momentos actuaes.

A crise da lavoura—que é a base economica do Estado de S. Paulo—ha de repercutir no commercio, na industria e até nas finanças do proprio Estado, porque, como é sabido, o café é que o elevou ao ponto de progresso em que hoje se acha.

Em nosso entender, a crise da lavoura não é o excesso da producção, mas sim, o preço do trabalho, a falta de aptidão do trabalhador e a falta de braços.

Rios de dinheiro tem o Estado dispendido com a immigração, quantidade enorme de europeus tem aportado ás nossas plagas, e o clamar da falta de pessoal para a lavoura é geral!

Como se póde explicar similhante anomalia? Muito bem, respondemos nós—o europeu na fazenda é um martyr: o clima, o systhema de alimentação e o trabalho agreste, fazem com que elle, depois de um anno de trabalho, no qual fórra um peculiozinho, se retire para a cidade, tornando-se negociante em qualquer escala.

No estado de S. Paulo ha uns 300.000 trabalhadores europeus nas fazendas, os quaes não dão vazão ao trabalho que em 1887 era feito com folga por 100.000 pretos!

O desprezo dado aos pretos pelos fazendeiros é uma das principaes causas da crise da lavoura.

Depois da abolição, um preto limpava mil pés de café por 40$000 annuaes, hoje o europeu limpa por 80$000; um preto colhia um alqueire de café por 300 réis e hoje, o europeu colhe por 1$000. A diferença de preços é enorme, e, por isso, o café não pode mais dar os 80ºlo de lucros, como affirmára o sr. Antonio Prado.

Os pretos, em todos os pontos de vistas, devem ser preferidos aos extrangeiros para o trabalho agricola; e nem se diga que o trabalho do europeu supera o do nacional, porque dizem que o europeu trabalha impulsionado pela intelligencia. Uma das sessões do nosso congresso, este anno, na discussão do projecto da creação de escolas agronomicas, as quaes devem ser dirigidas por prefissionaes extrangeiros, o Senador Paula Souza, em aparte, censurando isso disse, que não deviamos despeza os nacionaes, porque a sua pratica agricula estava na altura da intelligencia do estrangeiro e, acrescentou, que já tinha visto, em Minas, extrangeiros plantarem galhos de café e enterrarem cannas inteiras!!!

O governo paga, além da passagem, 70$000 por immigrante agricola, o qual não pára na fazenda e absolve essa quantia dos cofres publicos, sem o mesmo resultado para a lavoura e prova do Estado. Se esse dinheiro revertesse em beneficio da educação agricola dos nacionaes, que grandes vantagens não seria para a lavoura e para o Estado. No tempo da escravidão, 100.000 escravos faziam mais de que hoje 300.000 europeus, pois essa gente que libertou-se do captiveiro ainda existe, é preciso educal-a, tratal-a como se trota europeu, pois que a sua superioridade physica é incontestavel, o seu respeito e a sua moralidade é conhecida.

Não sabemos como arranjar-se-ão os fazendeiros porque daqui ha *alguns* mezes, muitas fazendas ficarão desertas, pois que a sahidas de extrangeiros agricultores é enorme.

E' muito certo o proverbio: não se despeze o experimentado pelo desconhecido.

B. FERRAZ.

LUIZ GAMA

(Ao homem livre)

Tu que soffreste o jugo deshumano
Do captiveiro atroz e degradante,
E que sentiste a vida vacilante
Nos momentos febris do desengano.

No Campo Santo, á sombra hospitaleira
Do Cyprestal, que geme de saudade,
Ao Campeão da doce Liberdade
Vem tributar a honra verdadeira!

Joelho em terra! A lousa que lhe cobre
O sacrosanto corpo precioso,
E' da Lembrança o templo augusto e nobre..

Joelho em terra! Aberto o peito ás dores,
Transborde delle o pranto copioso.
Como se fossem d' alma as gratas flores!

BENEDICTO GOMES RIBEIRO.

S. Paulo, 24 Agosto, 99.

ARTHUR CARLOS

Falleceu a 11 do corrente, nesta capital, o nosso presado amigo e companheiro de luctas Arthur Carlos.

O illustre finado, por suas qualidades, pela amenidade de trato, pelo papel que desempenhou na sociedade paulista tornou-se merecedor da admiração de quantos o conheciam e da gratidão de seus amigos.

Pretendiamos publicar a sua biographia, porém por nos ter chegado ás mãos já muito tarde, não nos foi possivel fazel-o.

No proximo numero nos desobrigaremos deste dever.

A redacção do *Progresso* deposita uma lagryma saudosa no tumulo do seu tão devotado amigo.

NOTICIARIO

Esteve, ha dias, nesta capital, o distincto jornalista José do Patrocinio, sendo alvo de uma enthusiastca manifestação promovida por moços academicos

A' porta da Confeitaria Fasoli foi este illustrado abolicionista saudado pelo nosso amigo Antonio Eusebio d'Assumpção

* * *

De volta da capital federal já se acha nesta cidade a esposa do nosso companheiro de trabalho Theophilo Dias de Castro.

* * *

Os nossos amigos Adão do Paraizo e Theodoro Galdino dos Santos passaram pelo desgosto de perderem dois dilectos filhinhos.

Associamo-nos ás dores dos estremosos paes.

* * *

Completa amanhã, 25, mais um anno de existencia o inteligente moço typographo sr. Augusto Barbosa.

Felicitamol-o.

* * *

Regressou da cidade de Iguape o maestro Carlos Cruz, que para ali tinha ido em serviço de sua profissão.

* * *

O Tenente Avelino Lopes de Oliveira contractou casamento com a Exma. Snra. Da Ignez Diamantina de Souza

Fazemos votos para que sejam felizes.

* * *

Esteve nesta capital o nosso amigo Arthur Moraes, em companhia de sua exma. familia.

* * *

Estamos colhendo os dados precisos para ampliarmos mais a biographia de Luiz Gama, visto a transcripta hoje, do "Instituto Historico de S Paulo" não comprehender a epocha em que elle appareceu como abolicionista.

EXPEDIENTE

Redactor-chefe

Theophilo Dias de Castro

Toda a correspondencia deve ser dirigida a José Cupertino, redactor secretario.—Escriptorio, Rua das Flores, 45.

Não ha mais parazitas

Todos os que fizerem uso deste verdadeiro especifico Restaurador do Cabello de Raphael Scaciota, estão isemptos desta molestia, vidro 5$000 A venda em todas as boas pharmacias e casas de perfumarias, deposito: Rua do Palacio, 1 - S. Paulo

TYPOGRAPHIA SOLER
Rua del Ri chuelo n. 34—S. Paulo